

CAPÍTULO 1

Conhecendo a família Gonzalez

Os eventos políticos e econômicos que sucederam na Venezuela a partir de 2015 afetaram diretamente a vida dos Gonzalez, os quais vivenciaram grandes transformações entre a adolescência e a vida adulta, como casamentos, gravidezes, mudança de casa, pobreza, fome etc. Decisões importantes foram tomadas a fim de manter a família unida e com perspectiva de futuro. A vinda para o Brasil tem uma característica importante, pois, apesar da diferença de idioma, os Gonzalez alimentaram, segundo seus relatos, a imagem do Brasil como um país acolhedor e com muitas oportunidades de emprego.

A vida da família Gonzalez na Venezuela pré-crise

A família Gonzalez é formada por oito pessoas: a mãe Izabel (separada de seu marido, que vive na Venezuela); três filhos, com idades entre 19 e 23 anos, sendo dois rapazes, Rafael e Miguel, e uma moça, Olívia. Rafael é casado com Marina e tem um filho, Juan. Miguel é casado com Roberta e tem uma filha, Maria. As duas crianças têm idades próximas a três anos.

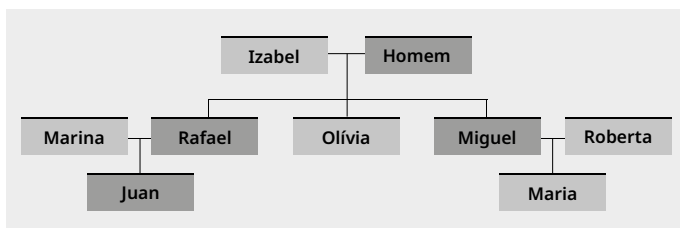


Figura 1: Árvore genealógica da família Gonzalez

Fonte: elaboração própria.



Figura 2: Maturín, cidade natal da família Gonzalez

Fonte: imagem sob licença Creative Commons.²

A jornada da família Gonzalez começou em 2019, quando saíram de sua cidade natal Maturín, no estado de Monagas, para tentar a vida nas minas da Venezuela, o que não durou muito tempo devido às situações perigosas com as quais se depararam. Em razão disso, decidiram enfrentar a travessia para o Brasil carregando consigo apenas o necessário. Esse deslocamento foi feito através de caminhadas e de caronas, que os levaram até Pacaraima, município brasileiro localizado na fronteira com a Venezuela. Tempos depois, chegaram finalmente em Boa Vista, capital de Roraima. Por fim, de lá a família se deslocou para Barbacena, cidade do interior de Minas Gerais.

² Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/blmurch/274832126/>.



Figura 3: Percurso realizado pela família Gonzalez, de Maturín até Barbacena

Fonte: elaboração própria.

Antes da intensificação da crise política e econômica da Venezuela, os Gonzalez viviam, há pelo menos quatro anos, de maneira semelhante a uma família brasileira de classe média baixa no que diz respeito ao acesso razoável a bens de consumo e serviços básicos, como saneamento, educação e moradia. A realidade dos filhos era de estudantes, *status* comum a jovens na faixa etária dos 20 anos. Esse fato mudou

com a chegada da crise econômica, obrigando-os a trabalhar e a amadurecer rapidamente.

No que diz respeito ao campo religioso, liderado pela mãe, a família frequentava uma igreja evangélica, identificando-se, então, como cristã evangélica. Por meio dos relatos, foi possível observar que a estrutura familiar é organizada e conduzida pela mãe, Izabel, mulher de meia-idade, religiosa, que não mediu esforços para buscar um futuro melhor para si, para seus filhos e familiares, ação que culminou na vinda para o Brasil, mas que não se iniciou em solo brasileiro.

Em virtude dos problemas econômicos, Izabel decidiu sair de sua cidade de origem, Maturín – a sexta maior da Venezuela –, e partir em direção ao interior, para as minas de ouro do país, a fim de trabalhar e prover o sustento de seus filhos. Pouco tempo depois, os filhos vão ao encontro da mãe, fato que é contado por Rafael:

A única parte da Venezuela onde a pessoa podia comer mais ou menos bem era uma parte que se chamava Las Minas, lá se trabalhava muito com ouro [...]. Minha mãe depois, quando começou a ver que estava acontecendo muita coisa ruim no país, foi embora pra lá sozinha, começou a trabalhar lá, ela deixava eu e meus irmãos sozinhos em casa, meu irmão começou a trabalhar com outra coisa, eu também, mas não dava, só dava pra comer mais ou menos. Depois [de um tempo] minha mãe falou para mim: “Vamos todos embora para mina, lá a gente consegue morar melhor”. Eu falei para a minha esposa se ela queria ir embora comigo, fazer uma vida comigo. Então ela escapou de sua casa, ela não falou nada para sua mãe.

Algo que nos chama a atenção é que, antes das minas, Rafael era um estudante comum. Todavia, com a chegada da crise econômica em 2015, vê-se obrigado a amadurecer e a ajudar a mãe com o sustento da família. Assim, ao fugir para as minas, depara-se com mais responsabilidades, agora com sua recém-esposa, Marina, que decidiu se desligar de sua família de origem para compor a família Gonzalez. Tal situação acontece também com o irmão Miguel e sua esposa, Roberta.

A permanência nas minas, no entanto, durou poucos meses e se tornou insustentável diante do domínio e do controle da região por criminosos, que andavam armados o tempo todo e controlavam quais pessoas poderiam trabalhar, muitas vezes fazendo ameaças de morte. A necessidade de trabalhar nas minas organizadas por bandidos era a última opção da família de permanecer no país, mas a vida nessa região se tornou instável. Supõe-se, assim, que a ideia de vir para o Brasil – caso a experiência das minas não desse certo – era algo já presente nos pensamentos da família.

O êxodo da família Gonzalez

Em fuga da realidade das minas na Venezuela, os Gonzalez decidiram cruzar a fronteira de Pacaraima, optando pela emigração como seu recurso final. A família veio ao Brasil com a ideia de que poderia recomeçar, encontrar uma moradia, trabalhar e reconstruir suas vidas, uma visão idealizada que é compartilhada por qualquer emigrante. Mas não foi possível que todos saíssem juntos: Miguel e Roberta permaneceram inicialmente na Venezuela, e vieram para o Brasil

apenas Izabel, Olívia, Rafael, Marina e o recém-nascido filho do casal, Juan. Como disse Rafael:

Eu consegui viajar com a minha mãe para o Brasil e ficamos um tempo em Roraima. Ali em Roraima tinha um abrigo para pessoas. Atrás da rodoviária ficava este abrigo, que tinha militares e que cuidavam dos venezuelanos.



Figura 4: Pacaraima, município do estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela

Fonte: imagem sob licença Creative Commons.³

Na travessia, um acontecimento marcou significativamente a história dos refugiados. Rafael conta que seu filho, Juan, nasceu durante esse movimento. Enquanto esperavam carona com outras pessoas que estavam lá há semanas, conseguiram chegar a um hospital, fato que ele enxerga como resposta de sua fé em Deus. Nesse momento, o êxodo da família alcança seu ápice, exatamente quando Rafael e Izabel têm que lidar com a emergência de Marina em trabalho de parto. O bebê nasceu quando cruzaram a fronteira, sendo

³ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/magama/5622329015/>.

assistido por médicos apenas no Brasil. A partir daí, problemas de saúde são recorrentes na família: enquanto passavam pela situação com Marina, Izabel apresentou sintomas de malária, tendo que ser amparada pela filha Olívia:

Então chegamos ali e procuramos também um hospital, nesse momento quando eu cheguei lá. Procuramos um médico, examinaram ele [filho recém-nascido]. O médico nos disse que ele estava muito bem, que não tinha nenhum problema. Aí foi passando o tempo, foi um pouco difícil porque a gente morava numa carpa [barraca] que só cabia uma pessoa. Minha mãe conseguia deitar lá fora, havia muito polvo [poeira], de madrugada sempre muito polvo [...]. Conseguimos depois procurar melhor uma ajuda.



Figura 5: Boa Vista, capital do estado de Roraima

Fonte: imagem sob licença Creative Commons.⁴

Já em Boa Vista, a família foi acolhida em um espaço reservado e administrado pelo Exército Brasileiro. Os Gonzalez

⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Boa_Vista_Roraima_Brazil.jpg.

passaram cerca de cinco meses em tendas nesse espaço, e logo conseguiram os documentos necessários, como o Cadastro de Pessoa Física (CPF), e deram entrada na solicitação de refúgio para regularizar sua situação migratória no país. Desse tempo, apenas no primeiro mês estiveram no abrigo, porque depois desse período era necessário ceder o espaço para os demais refugiados que não paravam de chegar. O acesso à tenda só foi possível porque estavam com o bebê recém-nascido, de outra forma não seria viável. Assim, obrigados a sair daquele espaço, tiveram que viver nas ruas de Boa Vista. Para garantir a sua sobrevivência, a família contava com o auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Igreja Católica, que enviavam roupas e comida. Como recorda Olívia, “[...] a ajuda sempre vinha da mesma igreja”. Ela também relembra as dificuldades em Boa Vista:

Conversamos com as pessoas e falavam que estavam lá há cinco, seis meses e fiquei louca porque estava há pouco tempo... Aqui não pode conseguir refúgio, é impossível e a gente ficava meses sem trabalho, sem refúgio... Em Boa Vista é difícil a situação, entende? Em Boa Vista se vê de tudo, tráfico de pessoas, de crianças, que desapareciam, porque dormiam nas tendas e as crianças tossiam muito. E assim via muita prostituição, delinquência. Assim como no Brasil há muita gente boa, também tem muita gente má e na Venezuela também é assim e em toda parte do mundo é assim.

De vez em quando, ao andarem pelas ruas da cidade em busca de algo, encontravam alguns boa-vistenses que os ajudavam. Os pedidos de ajuda pelas ruas resultaram no encontro com pessoas que lhes deram materiais de reciclagem e ofereceram algum tipo de trabalho rápido e/ou uma

refeição. Nesse meio-tempo, Miguel, Roberta e a filha do casal, Maria, uniram-se ao restante da família Gonzalez. Apesar da ajuda que obtiveram, relataram também episódios em que sofreram discriminação na cidade. Olívia se lembra de pelo menos duas ocasiões:

Uma vez estávamos na rua e saiu um brasileiro da casa e nos insultou e falou o que nós estamos fazendo, pensando que a pessoa que estava na casa não tinha dado água à gente e disse: Aqui se paga água! Aqui não é Venezuela! E insultou a senhora porque pensou que ela não tinha dado água pra gente. E falou que a Venezuela não tava mal, tava bem e que estavam vindo pra fazer o Brasil passar dificuldade e nos disse tudo. Uma vez estava caminhando com minha mãe e nós perguntamos a hora e um brasileiro nos ignorou e voltamos a perguntar e ele virou e disse: “não falo espanhol” e atravessou para outro lado.

Assim, constatamos que o preconceito e as tensões étnicas, manifestados na discriminação sofrida pelos venezuelanos, consistem em obstáculos a sua inserção, assim como a falta de estrutura e de condições materiais de subsistência, e a dependência da ajuda de terceiros.